

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS - CAMPUS BAMBUÍ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

JORDANA GERALDA FERREIRA SOUZA

AUTISMO - Entre o cuidado e a sobrecarga: análise dos desafios e dos impactos decorrentes do Transtorno do Espectro Autista na saúde mental dos pais, com sugestões de estratégias de apoio acessíveis e implementáveis

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS - CAMPUS BAMBUÍ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

JORDANA GERALDA FERREIRA SOUZA

AUTISMO - Entre o cuidado e a sobrecarga: análise dos desafios e dos impactos decorrentes do Transtorno do Espectro Autista na saúde mental dos pais, com sugestões de estratégias de apoio acessíveis e implementáveis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Bambuí.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Dutra de Melo
Coorientadora: Profa. Dra. Lorena Bueno Valadão Mendes

Catálogo na Fonte Biblioteca IFMG - Campus Bambuí

S739a Souza, Jordana Geralda Ferreira.

Autismo, entre o cuidado e a sobrecarga: análise dos desafios e dos impactos decorrentes do Transtorno do Espectro Autista na saúde mental dos pais, com sugestões de estratégias de apoio acessíveis e implementáveis / Jordana Geralda Ferreira Souza. – 2026.
37 f. : il. ; color.

Orientador: Anderson Dutra de Melo.

Coorientadora: Lorena Bueno Valadão Mendes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus Bambuí*, 2026.

1. Autismo. 2. Saúde mental. 3. Sobrecarga parental. 4. Rede de apoio. 5. Políticas públicas. I. Melo, Anderson Dutra de. II. Mendes, Lorena Bueno Valadão. III. Instituto Federal de Minas Gerais – *Campus Bambuí*. IV. Título.

CDD 155.646



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS**

Campus Bambuí
Diretoria de Ensino
Departamento de Ciências e Linguagens
Faz. Varginha - Rodovia Bambuí/Medeiros - Km 05 - Caixa Postal 05 - CEP 38950-000 - Bambuí - MG
37 3431 4900 - www.ifmg.edu.br

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 14 dias do mês de julho do ano de 2026, às 16h, nas dependências do IFMG - Campus Bambuí, reuniu-se a banca examinadora presidida por mim, Anderson Dutra de Melo e demais membros, Meryene de Carvalho Teixeira e Flávia de Castro Silva. Nesta ocasião a discente Jordana Geralda Ferreira Souza do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, com registro acadêmico de número 0072913 do IFMG - Campus Bambuí, defendeu seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "AUTISMO - Entre o cuidado e a sobrecarga: Análise dos desafios e dos impactos decorrentes do Transtorno do Espectro Autista na saúde mental dos pais, com sugestões de estratégias de apoio acessíveis e implementáveis." e foi APROVADA, com 94,2 (noventa e quatro e dois décimos) pontos.

Este resultado reflete o cumprimento parcial dos critérios de avaliação estabelecidos pelo curso e reconhece os esforços e a dedicação do discente e seu orientador no desenvolvimento do seu TCC. O lançamento da nota e o consequente encerramento do respectivo processo está condicionado ao cumprimento dos procedimentos pós-defesa conforme previstos nos regulamentos vigentes. Tais procedimentos pós-defesa devem ser finalizados dentro do prazo limite de 21 dias, a contar da data desta ata. O descumprimento destes procedimentos até a data estipulada implicará em atribuição de nota 0 (zero) e consequente reprovação.

A sessão foi encerrada às 17:50h. Para constar, eu, Anderson Dutra de Melo, redigi a presente ata que após lida publicamente, foi aprovada e assinada pelo discente e membros da banca examinadora.

[Assinam: Membros da banca e discente]

Bambuí, 28 de junho de 2026.



Documento assinado eletronicamente por **Anderson Dutra de Melo, Professor**, em 14/07/2026, às 17:51, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Meryene de Carvalho Teixeira, Professora**, em 14/07/2026, às 17:51, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Flávia Castro Silva, Usuário Externo**, em 14/07/2026, às 17:53, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **JORDANA GERALDA FERREIRA SOUZA, Usuário Externo**, em 14/07/2026, às 18:01, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **2787114** e o código CRC **F298FD0D**.

Dedico este trabalho ao meu filho Rafael Ferreira Souza, que me inspira todos os dias a buscar conhecimento e compreensão sobre o autismo. Aos pais e familiares de pessoas autistas, que enfrentam diariamente os desafios e sobrecargas inerentes ao cuidado, demonstrando força e resiliência. E a todos que, de alguma forma, estão envolvidos nesta causa, pelo esforço contínuo em promover respeito, apoio e reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus a força e sabedoria concedidas ao longo desta caminhada.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Anderson Dutra de Melo, e à minha Coorientadora, Prof^a. Dra. Lorena Bueno Valadão Mendes, pela paciência, dedicação e pelas valiosas contribuições que foram fundamentais para a construção deste trabalho.

À minha família e, principalmente, aos pais e padrinhos do meu marido, pelo apoio incondicional e incentivo constante em todas as etapas desta jornada.

Aos colegas e amigos, pela parceria, companheirismo e troca de experiências ao longo do curso.

À instituição de ensino e aos professores, pela transmissão de conhecimento e pelo estímulo ao crescimento acadêmico e pessoal.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, deixo aqui meu sincero reconhecimento e gratidão.

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa uma condição do neurodesenvolvimento que impacta não apenas a pessoa diagnosticada, mas também sua família, especialmente os pais, que, frequentemente, assumem o papel de principais cuidadores. Este estudo teve como objetivo analisar os impactos do TEA na saúde mental e emocional dos pais, por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa e natureza exploratória. O levantamento foi realizado nas bases SciELO, PubMed Central e Google Acadêmico, considerando publicações entre 2015 e 2025. Após o processo de seleção, 11 estudos compuseram a revisão. Os resultados evidenciaram que estresse, ansiedade, depressão, sobrecarga emocional, isolamento social e dificuldades financeiras constituem os principais desafios enfrentados pelos cuidadores, com maior impacto sobre as mães, que concentram a maior parte das responsabilidades relacionadas ao cuidado. Também foram identificadas fragilidades nas redes de apoio e limitações na efetivação das políticas públicas voltadas às famílias. Diante desses achados, o estudo propõe estratégias de apoio psicológico, fortalecimento das redes de suporte, integração entre saúde, educação e assistência social, além de ações comunitárias voltadas ao acolhimento e à promoção da qualidade de vida dos cuidadores. Conclui-se que o cuidado à pessoa com TEA deve contemplar, também, as necessidades das famílias, reconhecendo os cuidadores como parte fundamental do processo de atenção integral.

Palavras-chave: Autismo. Saúde mental. Sobrecarga parental. Redes de apoio. Políticas públicas.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition that affects not only the diagnosed individual but also their family, especially parents, who often take on the role of primary caregivers. This study aimed to analyze the impacts of ASD on the mental and emotional health of parents through a narrative literature review with a qualitative approach and exploratory nature. Data collection was carried out in the SciELO, PubMed Central, and Google Scholar databases, considering publications released between 2015 and 2025. After the selection process, 11 studies were included in the review. The results showed that stress, anxiety, depression, emotional overload, social isolation, and financial difficulties are the main challenges faced by caregivers, with a greater impact on mothers, who concentrate most of the responsibilities related to care. Weaknesses in support networks and limitations in the implementation of public policies aimed at families were also identified. Based on these findings, the study proposes strategies for psychological support, strengthening of support networks, integration among health, education, and social assistance services, as well as community actions focused on welcoming families and promoting the quality of life of caregivers. It is concluded that care for individuals with ASD must also address the needs of their families, recognizing caregivers as a fundamental part of comprehensive care.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Mental health. Parental burden. Support networks. Public policies.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPSi - Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

DSM-5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - 5ª Edição

ISSL - Inventário de Sintomas de Estresse para Adultos de Lipp

LBI - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência

RAPS - Rede de Atenção Psicossocial

RCPD - Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência

SUS - Sistema Único de Saúde

TEA - Transtorno do Espectro Autista

UBS - Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. JUSTIFICATIVA.....	8
3. OBJETIVOS.....	9
3.1 Objetivo Geral.....	9
3.2 Objetivos Específicos	9
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
4.1 Transtorno do Espectro Autista: conceitos e características	10
4.2 Impactos do diagnóstico de autismo na família.....	11
4.3 Redes de apoio e políticas públicas	14
5. METODOLOGIA.....	17
5.1 Bases de dados e estratégias de busca.....	17
5.2 Critérios de inclusão.....	18
5.3 Critérios de exclusão.....	18
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
6.1 Fluxograma de seleção dos estudos (modelo PRISMA adaptado).....	18
6.2 Resultados	19
6.3 Discussão.....	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
8. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO E FORTALECIMENTO DO APOIO ÀS FAMÍLIAS	24
9. PERSPECTIVAS DAS PROPOSTAS	27
REFERÊNCIAS.....	28
ANEXO 1.....	31

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme descrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM-5 (*American Psychiatric Association*, 2014), é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação e na interação social, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Essas manifestações se apresentam desde o início do desenvolvimento e podem gerar prejuízos clinicamente significativos em diferentes contextos da vida, como o convívio social, o ambiente acadêmico e o desempenho profissional. Por se tratar de um espectro, o autismo apresenta diferentes níveis de intensidade e necessidade de suporte, variando desde quadros que exigem apoio leve até aqueles que demandam suporte muito substancial, o que reforça a importância de avaliações individualizadas e contextualizadas ao longo do processo diagnóstico e interventivo.

No mesmo sentido, o Ministério da Saúde destaca que o TEA compreende uma condição que acompanha o desenvolvimento humano desde a infância, com diferentes apresentações clínicas e necessidades específicas de cuidado. Ao longo do tempo, a compreensão sobre o autismo evoluiu, passando de classificações anteriores, que o associavam a outros transtornos, para uma definição mais ampla e integrada, como transtorno do neurodesenvolvimento, permitindo maior precisão diagnóstica e melhores estratégias de intervenção e inclusão social (Brasil, Ministério da Saúde, 2026).

No entanto, o diagnóstico de TEA não se restringe apenas ao indivíduo, mas se estende ao núcleo familiar, uma vez que a convivência com a condição exige reorganização na dinâmica cotidiana e na forma de cuidado. A família, especialmente os pais ou responsáveis, assume papel central no acompanhamento do desenvolvimento e no suporte às necessidades da pessoa com autismo, o que pode demandar adaptações emocionais, sociais e estruturais ao longo do tempo (Pontes *et al.*, 2024).

Diante dessa realidade, compreende-se que o cuidado à pessoa com TEA envolve não apenas intervenções clínicas e educacionais, mas também o reconhecimento das necessidades dos cuidadores. Os pais, em especial, tornam-se frequentemente os principais responsáveis pelo acompanhamento contínuo, o que torna essencial a existência de redes de apoio que auxiliem nesse processo.

Assim, o presente estudo tem como problema de pesquisa: “quais são os impactos do Transtorno do Espectro Autista na saúde mental e emocional dos pais e de que forma iniciativas de apoio psicológico e social podem contribuir para a redução dessa sobrecarga?”.

A relevância desta pesquisa está na necessidade de ampliar a compreensão sobre o TEA para além do indivíduo diagnosticado, considerando seus efeitos no contexto familiar e na saúde mental dos cuidadores. Do ponto de vista social, destaca-se a importância de fortalecer estratégias de apoio psicológico e social, promovendo acolhimento e suporte às famílias que convivem com o autismo. No campo científico, o estudo contribui para o aprofundamento das discussões sobre o cuidado integral e intersetorial, que contemple tanto a pessoa com TEA quanto seus familiares.

Dessa forma, este trabalho busca discutir o impacto do TEA no contexto familiar, com foco na vivência dos pais, contribuindo para reflexões que possam subsidiar práticas mais humanizadas e estratégias de apoio viáveis e eficazes.

2 JUSTIFICATIVA

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição que impacta não apenas o indivíduo diagnosticado, mas também seus cuidadores, especialmente os pais, que assumem responsabilidades intensas, contínuas e exaustivas. Essa sobrecarga emocional, financeira e social frequentemente resulta em estresse, ansiedade e desgaste psicológico, comprometendo a qualidade de vida familiar. Apesar dessa realidade, políticas públicas e serviços de saúde ainda concentram sua atenção principalmente na pessoa autista, deixando em segundo plano o suporte aos pais. Essa lacuna reforça a necessidade de ampliar o olhar acadêmico e social para os impactos do autismo sobre os cuidadores.

Nesse sentido, o estudo se justifica pela importância de reunir e analisar criticamente a literatura sobre os efeitos do autismo na saúde mental dos pais, assim como por apresentar sugestões de alternativas viáveis de suporte psicológico e social aos cuidadores, como grupos de apoio, parcerias institucionais e iniciativas comunitárias, fortalecendo redes de acolhimento e preenchendo espaços deixados pelo Estado. Assim, esta pesquisa se mostra relevante por unir reflexão acadêmica e compromisso social, reconhecendo os pais como protagonistas no processo de cuidado e inclusão das pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão bibliográfica de caráter narrativo, com abordagem qualitativa e natureza exploratória, sobre os impactos que o Transtorno do Espectro Autista provoca na saúde mental e emocional dos pais.

O estudo buscou analisar criticamente os principais achados acadêmicos e propor, a partir dessa reflexão, alternativas práticas de suporte psicológico e social aos cuidadores.

3.2 Objetivos Específicos

- Levantar e sistematizar produções científicas que abordam os impactos do Transtorno do Espectro Autista na saúde mental e emocional de pais de pessoas com TEA;
- Identificar os principais fatores associados ao desgaste psicológico e emocional dos pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista, tais como estresse, sobrecarga e isolamento social;
- Analisar as estratégias de enfrentamento e adaptação descritas na literatura científica, considerando sua contribuição para o bem-estar dos cuidadores;
- Examinar as lacunas existentes nas pesquisas relacionadas ao suporte institucional e comunitário destinado aos pais de pessoas com Transtorno do Espectro Autista;
- Refletir e propor iniciativas sociais e psicológicas de apoio aos cuidadores, com base nos resultados obtidos na revisão de literatura.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Transtorno do Espectro Autista: conceitos e características

O Autismo é entendido como uma condição do desenvolvimento cerebral que se manifesta por dificuldades persistentes na comunicação e nas interações sociais, além de comportamentos repetitivos e interesses restritos. De acordo com o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), essas características envolvem limitações na troca afetiva, barreiras na expressão não verbal e desafios na construção e manutenção de relacionamentos. A apresentação clínica pode variar em intensidade, sendo classificada em diferentes níveis, conforme o grau de suporte necessário.

Além disso, o DSM-5 destaca a ocorrência de padrões de conduta limitados e persistentes, que podem se manifestar por movimentos repetitivos, forte necessidade de seguir rotinas, interesses muito específicos e alterações na forma como a pessoa reage a estímulos sensoriais. Essas manifestações apresentam grande diversidade entre os indivíduos, o que reforça a compreensão do TEA como um espectro clínico no qual diferentes níveis de funcionamento coexistem dentro de uma mesma condição diagnóstica.

O Manual também ressalta que os sintomas do TEA devem estar presentes desde o período inicial do desenvolvimento, ainda que possam se tornar mais evidentes à medida que as demandas sociais aumentam. Além disso, o diagnóstico exige que tais manifestações resultem em prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, acadêmico ou ocupacional do indivíduo.

Complementando essa definição clínica, Ramirez, Galvão e Ricarte (2025) destacam que o TEA também pode envolver alterações no processamento sensorial, o que influencia diretamente a forma como o indivíduo interage com o ambiente. Essas alterações podem resultar em hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos como sons, luzes, texturas e cheiros, impactando o comportamento e a adaptação social. Ainda segundo os autores, indivíduos com autismo podem vivenciar episódios de desorganização emocional e comportamental denominados *meltdown* e *shutdown*. O *meltdown* caracteriza-se por uma resposta intensa diante de sobrecarga sensorial ou emocional, enquanto o *shutdown* envolve um estado de retraimento e redução da responsividade.

Essas manifestações não devem ser compreendidas como comportamentos voluntários, mas como respostas involuntárias frente ao excesso de estímulos ambientais ou emocionais, reforçando, também, a necessidade de se compreender o transtorno como uma

condição heterogênea na qual diferentes níveis de suporte são necessários. Assim, enquanto alguns indivíduos apresentam maior autonomia funcional, outros necessitam de apoio contínuo em atividades cotidianas, o que evidencia a amplitude de manifestações dentro do espectro (Ramirez; Galvão; Ricarte, 2025).

No que se refere à construção histórica do conceito, Piccolo (2024) destaca que a compreensão do autismo não ocorreu de forma linear, mas por meio de um processo histórico e epistemológico marcado por diferentes reformulações teóricas. O termo “autismo” foi inicialmente utilizado por Eugen Bleuler no início do século XX, no contexto dos estudos sobre esquizofrenia, para descrever um estado de retraimento psíquico e predomínio do mundo interno.

Posteriormente, o conceito foi reformulado com base nas contribuições de Leo Kanner, que, em 1943, descreveu o autismo como uma condição específica do desenvolvimento infantil, caracterizada por dificuldades na interação social e na comunicação e pela necessidade de manutenção de rotinas. Em seguida, Hans Asperger, em 1944, identificou um grupo de crianças com dificuldades sociais semelhantes, porém com linguagem preservada e habilidades cognitivas diferenciadas, ampliando a compreensão do fenômeno. Essas contribuições foram fundamentais para a consolidação do campo do TEA e para sua diferenciação de outros transtornos do desenvolvimento. Atualmente, essa condição é formalmente reconhecida e sistematizada pelo DSM-5, que unificou diferentes diagnósticos anteriormente utilizados, como autismo infantil e síndrome de Asperger, sob a categoria única de Transtorno do Espectro Autista (Piccolo, 2024).

De acordo com Piccolo (2024), o aumento das taxas de diagnóstico nas últimas décadas não pode ser interpretado apenas como crescimento real da prevalência, mas também como resultado da ampliação dos critérios diagnósticos, maior visibilidade social do transtorno e avanços nas pesquisas científicas sobre o tema.

Dessa forma, a compreensão do Transtorno do Espectro Autista envolve tanto seus aspectos clínicos, conforme descritos pelo DSM-5, quanto sua construção histórica e suas manifestações comportamentais contemporâneas, evidenciadas nas contribuições de Ramirez, Galvão e Ricarte (2025). Trata-se, portanto, de uma condição complexa, heterogênea e multifatorial, que exige análise integrada entre critérios diagnósticos, aspectos clínicos e evolução conceitual.

4.2 Impactos do diagnóstico de autismo na família

A chegada de uma criança é, em geral, acompanhada por expectativas, planos e sonhos construídos pela família ao longo da gestação e nos primeiros momentos de vida. No entanto, quando surge o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, esse cenário tende a se transformar, exigindo dos pais um processo de adaptação profundo, contínuo e, muitas vezes, emocionalmente desgastante.

Nesse sentido, Sousa e Duarte (2022) apontam que a confirmação diagnóstica não se limita a um evento clínico, mas se configura como um processo que impacta profundamente a forma como a família compreende a criança, o cuidado e o próprio futuro. Assim, o diagnóstico inaugura uma nova realidade, que demanda adaptação constante e ressignificação das expectativas construídas em torno do desenvolvimento infantil.

No primeiro momento, é comum que as famílias vivenciem um conjunto de emoções intensas e, muitas vezes, contraditórias. Sentimentos como medo, tristeza, culpa, raiva e insegurança surgem de forma recorrente, acompanhados da dificuldade inicial de compreender e aceitar o diagnóstico. Os autores ainda destacam que esse processo pode ser entendido como um “luto simbólico do filho idealizado”, no qual a família precisa lidar com a perda da expectativa de uma trajetória de desenvolvimento considerada típica. Dessa forma, esse movimento emocional inicial costuma envolver negação e busca por respostas, evidenciando que a aceitação ocorre de forma gradual e não linear.

De modo complementar, Leoni, Jábali e Rodrigues (2020) ressaltam que o impacto do diagnóstico também é marcado por sentimentos conflitantes. Ao mesmo tempo em que muitas famílias relatam tristeza, desespero e sensação de impotência, também emergem sentimentos de alívio ao finalmente compreender os comportamentos da criança. Essa compreensão favorece uma maior organização emocional e o início de estratégias de adaptação. Além disso, os autores destacam que esse processo envolve mudanças significativas na dinâmica familiar, exigindo reorganização de papéis e redefinição das rotinas familiares.

Para Titaneli e colaboradores (2025), os impactos do TEA ultrapassam os aspectos clínicos e atingem diretamente a vida cotidiana da família. O cuidado diário envolve adaptações constantes, reorganização de rotinas e redefinição das responsabilidades familiares, o que frequentemente leva a um cenário de sobrecarga, especialmente para a figura materna. Na maioria dos casos, as mães assumem o papel de cuidadoras principais, acumulando funções domésticas, profissionais e de cuidado integral, o que contribui para níveis elevados de estresse, cansaço emocional e restrição da vida social.

Essa sobrecarga materna também é destacada por Ferreira, Costa e Couto (2018), que reforçam que o diagnóstico de autismo repercute intensamente na vivência da maternidade,

especialmente pela ruptura entre o filho idealizado e a nova realidade apresentada. Segundo as autoras, esse processo envolve sentimentos como angústia, negação, aceitação e reorganização subjetiva, exigindo da mãe um grande esforço emocional para lidar com a nova condição do filho e com as transformações que ela provoca na experiência materna. Nesse contexto, observa-se um desgaste psíquico importante da cuidadora principal, sobretudo, quando há pouca rede de apoio familiar e social.

Outro fator que merece destaque é o impacto do estigma social associado ao TEA. O preconceito e a falta de compreensão da sociedade sobre o transtorno geram situações de exclusão, constrangimento e isolamento familiar. Muitas famílias relatam evitar espaços sociais por receio de julgamentos, o que reduz as oportunidades de convivência e aumenta o sofrimento emocional. Assim, o isolamento, somado à ausência de apoio efetivo, contribuem para o agravamento da sobrecarga vivenciada no cotidiano (Titaneli *et al.*, 2025).

Diante dessas dificuldades, a literatura evidencia a importância do suporte psicológico e das redes de apoio. Sousa e Duarte (2022) destacam o papel fundamental do psicólogo no processo de diagnóstico e adaptação, oferecendo acolhimento emocional, orientação e suporte à reorganização familiar. Esse acompanhamento auxilia na compreensão do transtorno e na construção de estratégias de enfrentamento, favorecendo a adaptação emocional dos familiares. Além disso, contribui para a atuação integrada entre diferentes profissionais envolvidos no cuidado.

Nesse mesmo sentido, Ferreira, Costa e Couto (2018) ressaltam a importância do acolhimento à mãe no enfrentamento do diagnóstico, considerando que a experiência da maternidade diante do autismo é atravessada por sofrimento, dúvidas e necessidade de ressignificação. As autoras evidenciam que a aceitação ou rejeição do diagnóstico interfere diretamente na forma como a maternidade será vivida, reforçando a necessidade de escuta e apoio à família como um todo.

Outro ponto frequentemente abordado na literatura diz respeito às preocupações das famílias com o futuro da criança com TEA. Questões como autonomia, inserção social e continuidade dos cuidados após a ausência dos pais são fontes constantes de ansiedade. Apesar dessas inquietações, alguns familiares conseguem ressignificar a experiência, desenvolvendo expectativas mais positivas à medida que percebem avanços no desenvolvimento da criança, o que também revela a presença de esperança no processo de cuidado (Titaneli *et al.*, 2025).

Por fim, Leoni, Jábali e Rodrigues (2020) reforçam que a adaptação ao TEA é um processo singular, influenciado pelos recursos emocionais, sociais e culturais de cada família. Embora marcado por desafios como sobrecarga, conflito emocional e necessidade de

reorganização constante, esse processo também pode envolver fortalecimento de vínculos, resiliência e construção de novas formas de cuidado. Assim, compreende-se que o impacto do diagnóstico do TEA não se resume a um sentimento de fácil elaboração, mas corresponde a uma condição complexa de administrar, exigindo atenção integral às necessidades da família, e não apenas da criança.

Em síntese, a literatura aponta que o diagnóstico de autismo desencadeia profundas transformações emocionais e sociais na família, caracterizadas por sofrimento inicial, sobrecarga do cuidador principal, estigma social e necessidade de reorganização da rotina. Ao mesmo tempo, evidencia a importância das redes de apoio, do acompanhamento psicológico e das políticas públicas como elementos essenciais para a promoção de um cuidado mais humano, acolhedor e inclusivo.

4.3. Redes de apoio e políticas públicas

Nenhuma família deveria enfrentar os desafios do Transtorno do Espectro Autista de forma isolada. Nesse contexto, as redes de apoio, que incluem profissionais de saúde, instituições educacionais, comunidade e políticas públicas, constituem pilares fundamentais para o enfrentamento das demandas decorrentes do diagnóstico.

A análise das redes de apoio, no contexto do TEA, evidencia que o impacto do diagnóstico ultrapassa a dimensão individual da criança, atingindo de forma significativa toda a dinâmica familiar. As mudanças na rotina, a necessidade de adaptação constante e a intensificação das demandas de cuidado contribuem para o aumento da sobrecarga emocional dos cuidadores. Nesse cenário, o estresse parental e a redução da qualidade de vida tornam-se recorrentes, especialmente quando não há suporte adequado. Estratégias como apoio psicológico e orientação parental configuram-se como importantes mecanismos de enfrentamento dessas dificuldades, reforçando a necessidade de suporte contínuo e estruturado (Chaim *et al.*, 2019).

Em continuidade, a literatura demonstra que a qualidade de vida dos pais e crianças com TEA está diretamente relacionada à presença de suporte social, sendo este um elemento central na redução dos impactos negativos associados ao cuidado. A ausência desse suporte é apontada como um dos principais fatores que contribuem para o sofrimento psicológico, enquanto sua presença atua como fator protetivo. Nesse sentido, estresse, sobrecarga emocional e dificuldades no acesso a serviços impactam significativamente a vida dos cuidadores, evidenciando o papel mediador do suporte social nesse processo (Chaim *et al.*, 2019).

A Lei n.º 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, constitui um marco fundamental ao instituir a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Essa legislação reconhece o autismo como deficiência para todos os efeitos legais e garante o acesso a ações de saúde, educação, assistência social e inclusão. Além disso, reforça o direito ao atendimento multiprofissional e ao cuidado integral, ampliando a responsabilidade do Estado na oferta de suporte não apenas à pessoa com TEA, mas também às suas famílias, que vivenciam diretamente os impactos do diagnóstico em sua dinâmica cotidiana.

Complementando os efeitos legais, a Lei n.º 13.146/2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, consolida direitos e amplia garantias às pessoas com deficiência, incluindo aquelas com TEA. A LBI assegura igualdade de oportunidades, acessibilidade, educação inclusiva, saúde, trabalho e participação social, reforçando o compromisso do Estado e da sociedade com a plena cidadania e inclusão. No contexto do autismo, essa legislação fortalece a proteção jurídica e social, garantindo que a pessoa com TEA seja reconhecida como sujeito de direitos e que suas famílias recebam suporte para enfrentar os desafios cotidianos decorrentes do diagnóstico (Brasil, 2015).

De acordo com o Ministério da Saúde, essa legislação, articulada com o Sistema Único de Saúde (SUS), organiza a atenção à pessoa com TEA por meio da Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência (RCPD), organizando serviços voltados para reabilitação, apoio às famílias e inclusão social, e da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), com acompanhamento multiprofissional e apoio psicossocial, oferecendo serviços de saúde mental e assistência.

Essas redes estruturam o atendimento de forma integrada e multiprofissional. Paralelamente, reconhece-se a família como parte essencial do processo de cuidado, uma vez que o diagnóstico impacta diretamente sua rotina e pode gerar sobrecarga emocional e social.

Essa perspectiva evidencia que o cuidado não deve se restringir à pessoa autista, mas precisa contemplar, também, o suporte institucional e psicossocial às famílias, de modo a reduzir os efeitos negativos do estresse e da sobrecarga emocional dos cuidadores. Assim, o SUS se constitui como eixo estruturante das políticas públicas voltadas ao TEA, buscando garantir acompanhamento multiprofissional e articulação entre os diferentes níveis de atenção (Brasil, Ministério da Saúde, 2026).

Nesse contexto, Nicoletti e Honda (2021) destacam que a efetividade das políticas públicas voltadas ao TEA depende diretamente do alinhamento entre os diferentes níveis de atenção e da consolidação de redes de cuidado de forma efetiva. Os autores ressaltam que,

embora haja avanços normativos importantes, ainda persistem fragilidades na integração entre saúde, assistência social e educação, o que compromete a continuidade do cuidado e aumenta a sobrecarga das famílias. Dessa forma, evidenciam que a fragmentação dos serviços contribui para lacunas no acompanhamento longitudinal, reforçando a necessidade de estratégias mais integradas e resolutivas no âmbito das políticas públicas.

Além disso, Nicoletti e Honda (2021) também apontam que a centralidade da família no processo de cuidado precisa ser mais efetivamente incorporada nas práticas institucionais, uma vez que os cuidadores frequentemente assumem funções que ultrapassam seu papel natural, tornando-se responsáveis por mediar acessos, organizar terapias e sustentar emocionalmente o processo de cuidado. Essa condição reforça a sobrecarga familiar e evidencia a importância de políticas públicas que não apenas garantam o atendimento à pessoa com TEA, mas que também incluam suporte estruturado às famílias, com ações de acolhimento, orientação e acompanhamento contínuo.

Apesar dos avanços conquistados com a Lei Berenice Piana e com a estruturação das redes de cuidado, ainda persistem desafios importantes na efetivação dessas políticas. Destacam-se fragilidades na conexão entre os serviços, dificuldades de acesso contínuo e limitada inclusão da família nas decisões terapêuticas, aspectos que restringem a efetividade das ações propostas. Dessa forma, reforça-se a necessidade de fortalecimento de políticas públicas integradas e contínuas, que considerem a família como parte central do processo de cuidado e assegurem suporte ampliado e permanente às demandas decorrentes do diagnóstico de TEA (Ramos *et al.*, 2025).

Em síntese, as redes de apoio e as políticas públicas voltadas ao Transtorno do Espectro Autista são fundamentais para assegurar o cuidado integral e contínuo à pessoa com TEA e às suas famílias, representando avanços importantes na garantia de direitos, especialmente a partir da Lei Berenice Piana e da organização do SUS por meio da RCPD e da RAPS, que buscam articular ações de saúde, educação e assistência social em uma perspectiva multiprofissional.

Entretanto, apesar desse marco legal e institucional, persistem desafios na efetivação dessas políticas no cotidiano, sobretudo devido à desigualdade na oferta de serviços entre regiões, à insuficiência de profissionais especializados, às longas filas de espera para diagnóstico e intervenção, e à fragilidade na integração entre os diferentes setores de atendimento. Esses fatores fazem com que, muitas vezes, o suporte não chegue de forma contínua e resolutiva às famílias, gerando lacunas na assistência e ampliando a sobrecarga dos cuidadores. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de fortalecimento das políticas públicas,

de modo a garantir não apenas o acesso formal aos direitos, mas sua efetivação concreta na vida das pessoas com TEA e de seus familiares.

5 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de caráter narrativo, com abordagem qualitativa e natureza exploratória, desenvolvida a partir do levantamento e análise de produções científicas relacionadas aos impactos do Transtorno do Espectro Autista na saúde mental e emocional de pais e cuidadores.

A revisão bibliográfica, de caráter narrativo, foi escolhida por permitir maior flexibilidade na seleção e interpretação das fontes, possibilitando a compreensão ampla do fenômeno investigado e a identificação de lacunas na literatura científica, além de subsidiar reflexões voltadas à proposição de estratégias de suporte social aos pais e cuidadores de pessoas com autismo.

Para a elaboração do gráfico apresentado nos resultados, foi utilizada a ferramenta de inteligência artificial Oreate, empregada exclusivamente para a construção visual da figura. A organização dos dados, sua análise, interpretação e discussão foram realizadas de forma independente, sem interferência da ferramenta no conteúdo científico do estudo.

5.1 Bases de dados e estratégias de busca

O levantamento bibliográfico foi feito em bases de dados nacionais e internacionais, sendo SciELO, PubMed Central e Google Acadêmico. As buscas foram realizadas até 15/06/2026. Para organizar melhor os resultados, foram usados descritores em português e inglês, combinados com operadores booleanos AND (E) e OR (OU). Entre as principais combinações de palavras-chave utilizadas, estão: “autismo” AND “pais”, “impacto” AND “família” AND “autismo”, “autism” AND “parents” AND “stress” e “autismo” AND “pais” AND “políticas públicas”. Assim, a estratégia de busca permitiu refinar as pesquisas e garantir maior precisão na seleção dos estudos relevantes para a análise.

5.2 Critérios de inclusão

A seleção de artigos considerou publicações entre 2015 e 2025, garantindo atualidade e relevância científica, especialmente em relação às pesquisas que abordam o

estresse, a sobrecarga emocional e os impactos psicológicos vivenciados por pais e cuidadores de crianças e adolescentes com TEA. Foram incluídos estudos que tratam da saúde mental e emocional de pais ou cuidadores de pessoas com autismo, desde que os artigos estivessem disponíveis na íntegra e publicados em português ou inglês, vinculados ao contexto brasileiro.

5.3 Critérios de exclusão

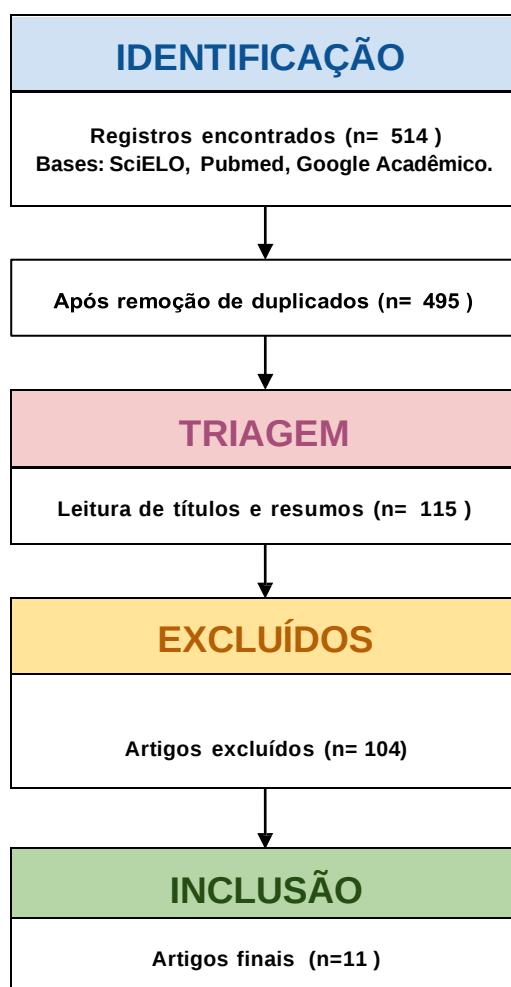
Foram excluídos trabalhos fora do recorte temporal estabelecido entre 2015 e 2025, bem como estudos que não tratassem diretamente do autismo e da saúde mental ou emocional dos pais e cuidadores. Também não foram considerados materiais sem rigor científico, como sites informais, blogs ou textos opinativos, além de TCCs e estudos que não representassem pertinência temática ou qualidade metodológica adequada. Dessa forma, buscou-se garantir maior qualidade e relevância nas fontes utilizadas para a pesquisa.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Fluxograma de seleção dos estudos (adaptado do PRISMA)

Inicialmente, foram identificados 514 artigos nas bases de dados pesquisadas. Após a remoção dos duplicados, permaneceram 495 estudos para leitura dos títulos, dos quais 115 seguiram para análise dos resumos. Nessa etapa, 104 foram excluídos por não atenderem a todos os critérios definidos, resultando em 11 artigos selecionados para compor a literatura desta revisão (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma PRISMA adaptado para seleção dos estudos



Fonte: elaborado pela autora, 2026.

6.2 Resultados

A análise conjunta dos estudos evidencia que o Transtorno do Espectro Autista produz impactos significativos na vida familiar, especialmente no que se refere à saúde mental dos pais. De maneira geral, os trabalhos revisados apontam que o estresse, a ansiedade, a depressão e a sobrecarga emocional constituem algumas das consequências mais frequentes associadas ao cuidado de crianças com TEA. Nesse sentido, os estudos teóricos de Rossini *et al.* (2024), Gadelha *et al.* (2025), Alves, Gameiro e Biazi (2022) reforçam que os desafios enfrentados pelas famílias extrapolam o âmbito clínico, repercutindo diretamente nas relações familiares, na organização cotidiana e na qualidade de vida dos cuidadores.

Os estudos empíricos corroboram essa compreensão ao demonstrar elevados níveis de desgaste emocional entre os familiares, especialmente entre as mães, que aparecem de forma predominante como principais responsáveis pelo cuidado. Pesquisas que utilizaram o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), instrumento psicométrico que identifica a presença de estresse e em qual fase o indivíduo se encontra, identificaram elevada frequência de estresse materno, com predominância de fases associadas ao desgaste prolongado e à exaustão emocional. Além dos sintomas psicológicos, os resultados apontam fatores relacionados à ausência de rede de apoio, à rotina intensa de cuidados, às dificuldades burocráticas e às preocupações com o futuro da criança como elementos que contribuem para o agravamento desse quadro (Santos *et al.*, 2025; Tinoco *et al.*, 2022).

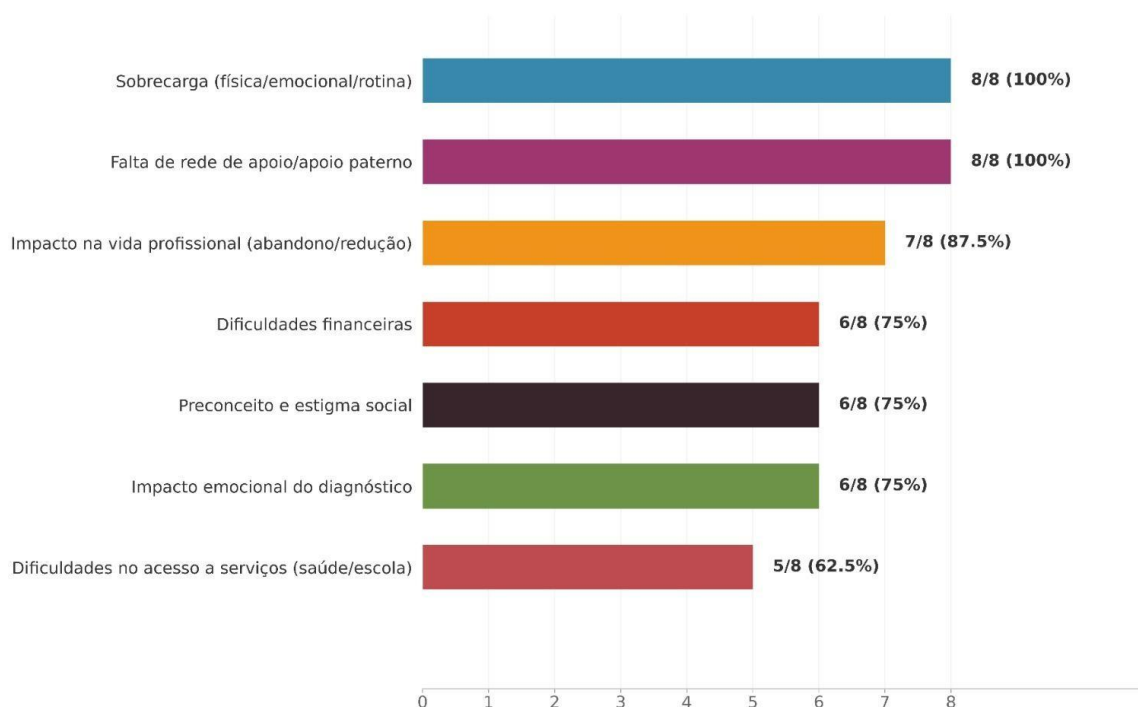
Outro aspecto recorrente nos estudos refere-se às transformações impostas à dinâmica familiar após o diagnóstico. Os relatos evidenciam que a descoberta do TEA, frequentemente, representa um marco de ruptura na trajetória das famílias, exigindo adaptações constantes na rotina, nos projetos pessoais e nas relações sociais. As pesquisas qualitativas mostram que o processo de compreensão do diagnóstico costuma ser acompanhado por sentimentos de luto, insegurança, medo e incerteza, além da necessidade de reorganizar atividades profissionais, acadêmicas e de lazer para atender às demandas da criança. Nesse contexto, a sobrecarga materna aparece de forma consistente, sendo frequentemente associada à renúncia de projetos individuais e à concentração das responsabilidades de cuidado em uma única pessoa (Constantinidis; Silva; Ribeiro, 2018; Araújo *et al.*, 2020; Prychodco; Bittencourt, 2022; Finger *et al.*, 2025).

Além das mudanças na rotina familiar, os estudos também evidenciam dificuldades relacionadas ao suporte social e institucional. A ausência de redes de apoio efetivas, aliada às limitações encontradas nos serviços de saúde e educação, contribuem para ampliar as dificuldades enfrentadas pelas famílias. Em diversos relatos, os participantes destacaram sentimentos de solidão e desamparo diante das exigências do cuidado contínuo, demonstrando que a experiência do TEA envolve não apenas desafios individuais, mas também barreiras estruturais que dificultam o acesso ao acolhimento e ao suporte necessários.

Os resultados também indicam que o preconceito, a discriminação e os impactos financeiros constituem elementos importantes na experiência dessas famílias. Foram relatadas dificuldades de inclusão em diferentes espaços sociais, como escola, serviços de saúde e até mesmo no convívio familiar. Paralelamente, os custos associados aos tratamentos, terapias e adaptações da rotina familiar contribuem para aumentar a sobrecarga já existente. Embora alguns estudos apresentem amostras reduzidas e contextos específicos, observa-se convergência

entre os achados ao apontar que os desafios enfrentados pelas famílias de crianças com TEA envolvem dimensões emocionais, sociais, econômicas e institucionais inter-relacionadas, conforme pode ser observado no gráfico da Figura 2.

Figura 2 - Principais fatores estressores na maternidade atípica, conforme a frequência em que aparecem nos 8 estudos empíricos



Fonte: Elaborado pela autora (2026), com base em 8 estudos empíricos revisados.

Os dados, a organização e a análise das informações são de autoria própria, e a construção visual do gráfico contou com o auxílio da ferramenta Oreate.

Em conjunto, os estudos analisados demonstram que os impactos do TEA vão além da criança diagnosticada e repercutem diretamente sobre toda a estrutura familiar. A predominância da figura materna como principal cuidadora, os elevados níveis de estresse e sobrecarga, a falta de redes de apoio e os processos de exclusão social constituem aspectos recorrentes na literatura revisada. Esses achados reforçam a necessidade de se compreender o TEA não apenas como uma condição do neurodesenvolvimento, mas também como uma questão que mobiliza demandas familiares, sociais e institucionais.

6.3 Discussão

Os resultados reunidos nesta revisão indicam que o autismo impacta profundamente a dinâmica familiar, sobretudo a saúde mental das mães, que aparecem de forma recorrente como principais cuidadoras. De maneira geral, a literatura teórica analisada reforça que o estresse, a ansiedade, a depressão e a sobrecarga parental são consequências frequentes do cuidado contínuo com crianças com autismo (Rossini *et al.*, 2024; Gadelha *et al.*, 2025; Alves, Gameiro e Biazzi, 2022). Em conjunto, esses estudos indicam que os impactos do TEA não se restringem à criança diagnosticada, mas atingem toda a organização familiar, com repercussões emocionais, sociais e relacionais.

Nos estudos empíricos quantitativos, observa-se de forma consistente a presença de elevados níveis de estresse entre mães de crianças com TEA. As pesquisas analisadas que utilizaram o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos indicam predominância de fases associadas ao desgaste prolongado, como resistência e quase exaustão. Esses achados mostram que o estresse materno não se apresenta como um evento isolado, mas como um processo contínuo relacionado às demandas diárias de cuidado, à ausência de rede de apoio, à sobrecarga de responsabilidades e às incertezas quanto ao futuro da criança (Santos *et al.*, 2025; Tinoco *et al.*, 2022). Nesse contexto, o uso de instrumentos padronizados contribuiu para evidenciar tanto a frequência quanto a intensidade desse sofrimento.

De forma complementar, os estudos qualitativos evidenciam que o diagnóstico do autismo é frequentemente vivenciado como um marco de ruptura na vida familiar. Os relatos analisados apontam sentimentos de insegurança, medo e sobrecarga emocional, além da necessidade de reorganização da rotina e dos projetos de vida. Em diferentes contextos investigados, observa-se a centralidade da figura materna, que assume a maior parte das responsabilidades do cuidado, muitas vezes, em detrimento de sua vida profissional, social e pessoal (Constantinidis, Silva e Ribeiro, 2018; Araújo *et al.*, 2020; Prychodco e Bittencourt, 2022). Assim, os achados reforçam que o impacto do diagnóstico ultrapassa o indivíduo e se estende à estrutura familiar como um todo.

Além dos aspectos emocionais e familiares, os estudos também convergem ao apontar fragilidades nas redes de apoio e no suporte institucional. A ausência ou insuficiência de serviços de saúde e educação adequados contribui para intensificar a sobrecarga das famílias, especialmente das mães, que acabam assumindo de forma quase exclusiva o cuidado cotidiano. Esse cenário favorece sentimentos de solidão e desamparo, demonstrando que as dificuldades enfrentadas não se limitam ao âmbito familiar, mas também refletem limitações estruturais no acesso ao suporte necessário.

Outro ponto observado na literatura refere-se aos impactos sociais e econômicos

associados ao TEA. Os estudos evidenciam situações de preconceito e discriminação em diferentes espaços, como ambiente escolar, serviços de saúde e convivência social. Além disso, os custos relacionados às terapias e ao cuidado contínuo contribuem para a intensificação da sobrecarga familiar, frequentemente exigindo reorganização financeira. Em alguns casos, em que é necessário o afastamento da mãe do mercado de trabalho, notam-se, também, consequências decorrentes dessa mudança na rotina materna. Embora alguns estudos apresentem recortes específicos, observa-se convergência entre os achados no que se refere à presença de impactos emocionais, sociais e econômicos interligados.

Nesse sentido, destaca-se, ainda, que o diagnóstico do TEA também impacta a família no momento de sua confirmação. Estudos indicam que, muitas vezes, o diagnóstico é recebido de forma inesperada durante consultas de rotina, o que intensifica o impacto emocional e a necessidade imediata de reorganização da vida familiar. Esse aspecto evidencia que o sofrimento não se inicia apenas no cuidado contínuo, mas já se manifesta no momento da descoberta (Soares *et al.*, 2020, Pinto *et al.*, 2016).

Em síntese, os resultados indicam que o TEA produz efeitos que extrapolam o campo clínico e atingem diretamente a organização social e emocional das famílias. As mães aparecem como o grupo mais afetado, assumindo múltiplas funções de cuidado e enfrentando elevados níveis de sobrecarga. Ao mesmo tempo, a ausência de rede de apoio, o preconceito, as dificuldades institucionais e os impactos econômicos agravam esse cenário. Dessa forma, os achados reforçam a necessidade de compreender o cuidado com crianças com essa condição como uma questão familiar, social e coletiva, e não apenas como responsabilidade individual da mãe.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados evidenciam que o Transtorno do Espectro Autista impacta de forma significativa a dinâmica familiar, com repercussões mais intensas sobre a saúde mental das mães, que, na maioria dos casos, assumem o papel principal de cuidadoras. As pesquisas apontam a presença recorrente de estresse, ansiedade, depressão e sobrecarga parental, tanto em estudos quantitativos quanto qualitativos, demonstrando que o cuidado contínuo exige elevada demanda emocional, física e social.

Além dos impactos individuais, observa-se que fatores externos também contribuem para o agravamento dessa sobrecarga, como a fragilidade da rede de apoio, o preconceito social, as barreiras burocráticas para acesso a serviços e a insuficiência de políticas

públicas efetivas e integradas. Esses elementos reforçam que o cuidado à criança com TEA não deve ser compreendido apenas como uma responsabilidade familiar, mas como uma questão social e intersetorial.

Nesse contexto, o diagnóstico do TEA promove uma reorganização profunda da rotina familiar, exigindo adaptações constantes, redefinição de prioridades e, muitas vezes, a renúncia de projetos pessoais, especialmente por parte das mães. A centralidade materna no cuidado evidencia, por um lado, a dedicação intensa, mas, por outro, revela a invisibilidade dessa sobrecarga, que ainda não é suficientemente reconhecida nem compartilhada pelos demais membros da família e pela sociedade. Diante disso, torna-se fundamental a construção de estratégias de apoio que possam minimizar esses impactos, fortalecendo redes de cuidado e promovendo maior equidade na distribuição das responsabilidades.

8 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO E FORTALECIMENTO DE APOIO ÀS FAMÍLIAS

Com base nos achados dos estudos analisados e buscando responder às necessidades mais frequentemente identificadas sobre o impacto do Transtorno do Espectro Autista na vida das famílias, observa-se a necessidade de ações práticas, viáveis e integradas a redes já existentes de serviços públicos.

Além das evidências científicas, foram consultadas experiências e iniciativas desenvolvidas por organizações não governamentais, em parceria com a rede pública. Essas experiências serviram como fonte de inspiração para a elaboração de sugestões adaptadas à realidade dos serviços públicos, priorizando ações viáveis de baixo custo e que possam fortalecer a rede de apoio já existente às famílias de crianças com TEA.

As sugestões a seguir não exigem a criação de novas instituições, mas sim o fortalecimento e a articulação de estruturas já presentes no território, como escolas, institutos de educação, postos de saúde e serviços municipais.

1. Grupos de apoio para familiares de crianças com TEA

A criação de grupos de apoio dentro de escolas públicas, unidades básicas de saúde ou centros de referência social pode funcionar como um espaço de escuta, acolhimento e troca de experiências entre famílias.

Esses encontros poderiam ocorrer de forma quinzenal ou mensal, com mediação de

profissionais como psicólogos, assistentes sociais ou profissionais da educação, a fim de oferecer suporte emocional, compartilhar estratégias de enfrentamento do cotidiano e reduzir o sentimento de isolamento frequentemente relatado pelas mães.

A divulgação pode ser feita por meio das próprias escolas, agentes comunitários de saúde e unidades básicas, utilizando canais simples como murais, mensagens em aplicativos de comunicação e reuniões escolares.

2. Orientação sobre direitos, leis e acesso a políticas públicas

Ação importante que amplia o acesso à informação sobre os direitos das pessoas com TEA e de suas famílias.

Essa ação pode ser desenvolvida por meio de encontros em escolas e unidades de saúde, com apoio de assistentes sociais, profissionais da educação e, quando possível, representantes jurídicos vinculados a órgãos públicos. O conteúdo deve abordar, de forma simples e acessível, temas como acesso a terapias oferecidas pelo SUS, inclusão escolar, benefícios sociais e encaminhamentos institucionais. Essa iniciativa contribui para reduzir a desinformação e fortalecer a autonomia das famílias na busca por seus direitos.

3. Apoio psicológico integrado à rede pública

Considerando a alta prevalência de sofrimento psicológico entre cuidadores, especialmente as mães, destaca-se a importância do fortalecimento do atendimento psicológico já existente na rede pública.

Esse suporte pode ocorrer por meio de atendimentos individuais e grupos terapêuticos oferecidos por unidades básicas de saúde (UBS), por meio da capacitação de profissionais como médicos e enfermeiros, para que desenvolvam habilidades em acolhimento breve, escuta ativa e encaminhamento adequado. Além disso, é possível organizar grupos de apoio comunitário em espaços públicos, como Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) ou associações de bairro, com a mediação de assistentes sociais. Esses encontros teriam como objetivo promover a troca de experiências e o fortalecimento emocional e psicológico dos cuidadores.

4. Articulação entre escola, saúde e família

A integração entre os setores da educação e da saúde é essencial para o

acompanhamento adequado da criança com TEA e para o suporte à família. Essa articulação pode ocorrer por meio de capacitações periódicas de professores e profissionais da saúde, além da criação de espaços de diálogo entre escola e responsáveis.

As escolas também podem atuar como pontos de apoio informativo, orientando famílias sobre serviços disponíveis e fortalecendo a inclusão escolar de forma mais efetiva.

5. Ações de sensibilização e informação na comunidade

Campanhas educativas voltadas à comunidade em geral, a fim de reduzir o preconceito e ampliar o conhecimento sobre o TEA.

Essas ações podem ser realizadas em escolas, unidades de saúde e espaços públicos, utilizando materiais simples, como cartilhas informativas, rodas de conversa e ações em datas temáticas. O fortalecimento da informação contribui diretamente para a inclusão social e para a construção de uma rede de apoio mais empática e acolhedora.

6. Oficinas de autocuidado e promoção da saúde emocional

As oficinas de autocuidado constituem uma estratégia complementar de apoio às mães e cuidadores de crianças com TEA, visando reduzir o estresse e promover o bem-estar emocional. Essas atividades podem ser realizadas em escolas, unidades básicas de saúde ou centros comunitários, com encontros periódicos e acesso facilitado.

As ações podem incluir práticas de relaxamento, rodas de conversa sobre saúde mental, orientações sobre autocuidado e fortalecimento da autoestima. Atividades de cuidado pessoal podem ser inseridas como forma de valorização da identidade individual da cuidadora ou cuidador. Essa proposta pode ser desenvolvida por profissionais da saúde, profissionais da beleza, com parcerias locais e voluntariado, de forma interdisciplinar, contribuindo para a prevenção do esgotamento emocional e para a melhoria da qualidade de vida das famílias.

7. Incentivo à autonomia financeira e à geração de renda

Considerando que muitas mães reduzem sua jornada de trabalho ou deixam suas atividades profissionais para dedicar-se integralmente aos cuidados da criança com TEA, torna-se importante desenvolver ações que favoreçam sua autonomia financeira e reduzam o impacto econômico sobre a família. Essa proposta pode ser implementada por meio de parcerias entre escolas, CRAS, instituições de ensino e órgãos municipais, oferecendo cursos gratuitos de

qualificação profissional, oficinas de empreendedorismo e orientações sobre oportunidades de trabalho remoto ou com horários flexíveis. Além disso, podem ser promovidas ações de incentivo à geração de renda, possibilitando que os cuidadores conciliem o cuidado com a criança e a manutenção da renda familiar, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e para a redução da sobrecarga emocional.

9 PERSPECTIVAS DAS PROPOSTAS

De forma integrada, as propostas apresentadas buscam fortalecer e ampliar a rede de apoio já existente, articulando saúde, educação e assistência social em ações simples, contínuas e acessíveis. O foco está em iniciativas que promovam acolhimento comunitário, orientação jurídica, suporte psicológico, capacitação de profissionais, autonomia financeira dos cuidadores, divisão de responsabilidades familiares, espaços de autocuidado e campanhas educativas.

O objetivo central é reduzir a sobrecarga materna, ampliar o suporte às famílias, qualificar o acesso à informação, favorecer a estabilidade socioeconômica dessas famílias e promover a inclusão social das crianças com TEA. Assim, o cuidado deixa de ser uma responsabilidade exclusivamente familiar e passa a ser compreendido como um compromisso coletivo, sustentado por políticas públicas e pela atuação integrada da comunidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. S.; GAMEIRO, A. C. P.; BIAZI, P. H. G. **Estresse, depressão e ansiedade em mães de autistas**: revisão nacional. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 39, n. 120, 2022. DOI: 10.51207/2179-4057.20220031. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 10 mar. 2026.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARAÚJO, J. C.; MORAIS, A. C.; SILVA, M. T.; AMORIM, R. C.; SOUZA, S. L. **Cuidar de crianças autistas**: experiências de familiares. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2020. DOI: 10.25248/REAS.e2138.2020. Acesso em: 25 maio. 2026.
- BRASIL. Lei nº 12.764, (Lei Berenice Piana) de 27 de dezembro de 2012: **institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l12764.htm. Acesso em: 03 jun. 2026.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015: **institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF. Acesso em 03 jun.2026
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Autismo**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2026. Disponível em: www.gov.br/saude/saude-de-a-a-z/autismo. Acesso em: 03 jun. 2026.
- CHAIM, M. P. M.; COSTA, N. S. B.; PEREIRA, A. F.; GROSSI, F. R. S. **Qualidade de vida de cuidadores de crianças com transtorno do espectro autista**: revisão da literatura. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/>. Acesso em: 13 abr. 2026.
- CONSTANTINIDIS, T. C.; SILVA, L. C.; RIBEIRO, M. C. C. **Todo mundo quer ter um filho perfeito**: vivências de mães de crianças com autismo. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 23, n. 1, p. 47–58, jan./mar. 2018. DOI: 10.1590/1413-82712018230105. Acesso em: 25 abr. 2026.
- FERREIRA, I. C.; COSTA, J. de J.; COUTO, D. P. do. **Implicações do diagnóstico de autismo para a vivência da maternidade**. Pretextos: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 431-448, 2018. Acesso em: 25 mai. 2026.
- FINGER, A. R.; SCHEK, G.; MIX, P. R.; ALBUQUERQUE, F. **Transtorno do Espectro Autista**: desafios vivenciados pelas famílias. Saúde e Pesquisa, v. 18, e12521, 2025. DOI: 10.17765/2176-9206.2025v18e12521. Acesso em: 13 abr. 2026.
- GADELHA, G. G. R. S.; OLIVEIRA, D. S.; ROCHA, F. R. L.; SOUSA, L. N.; COSTA, N. C.; SOUZA, M. I. M.; SILVA, R. F. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**: repercussões do diagnóstico na saúde mental dos pais. Revista Multidisciplinar em Saúde, v. 7, n. 4, p. 569–578, 2025. DOI: 10.36557/2674-8169.2025v7n4p569-578. Acesso em: 15 jun. 2026.
- IN Oreateai.com. <https://www.oreateai.com/home/index/pt> (2026). Acesso em 09 de junho de 2026.

LEONI, P. H. T.; JÁBALI, M. B. F. C.; RODRIGUES, A. A. **Adaptação familiar ao diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista**: uma compreensão da vivência de famílias. *Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação*, v. 1, n. 2, p. 21–40, 19 dez. 2020. DOI: 10.56344/2675-4827.v1n2a20202. Acesso em: 12 jun. 2026.

NICOLETTI, M. A.; HONDA, F. R. **Transtorno do Espectro Autista**: uma abordagem sobre as políticas públicas e o acesso à sociedade. *Infarma Ciências Farmacêuticas*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 117–130, jun. 2021. DOI: 10.14450/2318-9312.v33.e2.a2021.pp117-130. Acesso em: 5 jun. 2026.

PICCOLO, G. M. **Do pensamento autístico de Eugen Bleuler ao DSM-V**: a construção epistemológica do autismo e a explosão de sua manifestação. *SciELO Preprints*, 2024. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.8383. Acesso em: 12 mar. 2026.

PINTO, R. N. M.; TORQUATO, I. M. B.; COLLET, N.; REICHERT, A. P. S.; SOUZA NETO, V. L.; SARAIVA, A. M. **Autismo infantil**: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 37, n. 3, e61572, 2016. DOI: 10.1590/1983-1447.2016.03.61572. Acesso em: 2 abr. 2026.

PONTES, A. B. S.; SOARES, T. E. C.; NERY, M. L. S.; MONTEIRO, M. T. S. R.; TREVISOL, D. J. **O autismo e os impactos no ambiente familiar**: uma revisão integrativa de literatura. *Revista Fisioterapia & Terapia Ocupacional*, v. 29, n. 141, p. 1–20, dez. 2024. DOI: 10.69849/revistaft/th102412091514. Acesso em: 14 mar. 2026.

PRYCHODCO, R. C.; BITTENCOURT, Z. Z. L. C. **Desafios no cotidiano de famílias com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo**. Id on Line. *Revista de Psicologia*, v. 16, n. 63, p. 204–221, 2022. DOI: 10.14295/online.v16i63.3542. Acesso em: 10 mar. 2026.

RAMIREZ, C. A. F.; GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. **Impacto da disseminação da informação sobre transtorno do espectro autista**. *Transinformação*, Campinas, 2025. DOI: 10.1590/1981-5344/53838. Acesso em: 12 mar. 2026.

RAMOS, M. Y. N.; SILVA, A. C.; OLIVEIRA, J. P.; SANTOS, L. F.; ALVES, M. R. **Estratégias de cuidado oferecidas aos familiares de crianças com transtorno do espectro autista em serviços de saúde no Brasil**: uma revisão de escopo. *Research, Society and Development*, v. 14, n. 12, e70141249579, 2025. DOI: 10.33448/rsd-v14i12.49579. Acesso em: 13 abr. 2026.

ROSSINI, G. P.; PEREIRA, S. H. N.; ROCHA, G. R. M.; INÁCIO, J. G.; MENDONÇA, A. M. B.; NETTO, P. R. S.; NÓBREGA, G. L. F.; SIMON, R. F.; LIMA, V. R. S.; ANASTACIO, L. B.; LIMA, P. D. F.; SÁ, D. R. **Transtorno do espectro autista (TEA)**: desafios e recursos para indivíduos e familiares. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 6, p. 1145–1153, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n6p1145-1153. Acesso em: 10 maio 2026.

SANTOS, C. M.; MACEDO, F. L.; TONON, A. P.; GOBI, B. **Mães do autismo**: avaliação do estresse na vivência atípica. *Revista DELOS*, Curitiba, 2025. DOI: 10.55905/rdelosv18.n71-072. Acesso em: 22 fev. 2026.

SOARES, A. P. T.; SILVA, B. M.; SANTOS, L. S.; GAMA, G. L. **Transtorno do Espectro**

Autista (TEA): conhecimento e sobrecarga dos pais. Revista Saúde e Desenvolvimento Humano, Canoas, v. 8, n. 3, p. 9–16, nov. 2020. DOI: 10.18316/sdh.v8i3.6971. Acesso em: 14 mar. 2026.

SOUSA, W. A.; DUARTE, R. C. C. **Análise dos impactos do diagnóstico do espectro autista no âmbito familiar:** desafios e possibilidades. Research, Society and Development, v. 11, n. 14, e152111435647, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i14.35647>. Acesso em: 19 mai. 2026.

TINOCO, V. C.; DORNELA, T. T.; CASTRO, G. G.; PERES, T. S. **Estresse em mães com filhos diagnosticados com autismo.** Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande, 2022. DOI: 10.20435/pssa.v14i4.2023. Acesso em: 22 fev. 2026.

TITANELI, K. W. S.; FARIA, E. B.; ARAÚJO, M. F.; CARIAS, A. R. **Experiência emocional de familiares no cuidado a pessoas com autismo:** revisão da literatura brasileira. Revista Ensaios Pioneiros, v. 9, n. 1, 2025. DOI: <https://doi.org/10.24933/rep.v9i1.493>. Acesso em: 19 mai. 2026.

ANEXO 1

Quadro 1 - Análise comparativa de estudos sobre Estresse Parental no contexto do TEA

Artigo/Autor/Ano	Síntese dos estudos	Objetivos	Metodologia	Resultados e contribuições	Limitações
1. Desafios no Cotidiano de Famílias com TEA Autores: Prychodco e Bittencourt (2022)	O TEA impõe uma reconfiguração do cotidiano familiar, marcada por sobrecarga materna, renúncias pessoais e isolamento social.	Analisar impactos do TEA no cotidiano familiar	Pesquisa qualitativa, realizada por meio de questionário online com responsáveis por crianças com TEA, com análise temática das respostas. Amostra: 90 participantes, sendo a maioria mães.	Resultados: Sobrecarga materna intensa. Abandono de carreira e isolamento social Contribuições: Evidencia a reorganização total da vida familiar	Amostra online; Predomínio feminino; Dados autodeclarados.
2. Cuidar de crianças autistas: experiências de familiares Autores: Araújo <i>et al.</i> (2020)	Estudo qualitativo com mães de crianças autistas (3-10 anos) atendidas em um CAPS infanto-juvenil na Bahia. Evidenciou sobrecarga materna, dificuldades de comunicação/socialização das crianças, seletividade alimentar e falta de apoio familiar/social. Mostra necessidade de suporte institucional e social para reduzir estresse e favorecer inclusão.	Analisar como os familiares cuidam de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Descrever a rede de suporte social envolvida.	Estudo qualitativo, descritivo e exploratório. Entrevistas semiestruturadas com 9 mães. Análise de Conteúdo.	Todas as cuidadoras eram mães, maioria sem apoio. Diagnóstico tardio por falta de conhecimento. Rotina marcada por sobrecarga, abandono da vida social/profissional, crises e seletividade alimentar. Rede de suporte frágil, escola e sociedade despreparadas, estigma presente. Contribuição: reforça necessidade de suporte social/institucional para reduzir sobrecarga e promover inclusão.	Apenas 9 participantes. Contexto restrito a um município da Bahia. Foco exclusivo nas mães.
3. Estresse em Mães com Filhos diagnosticados com Autismo Autores: Tinoco <i>et al.</i> (2022)	Mães de crianças com TEA apresentam elevados níveis de estresse crônico, associados às demandas contínuas do cuidado.	Identificar estresse em mães de pessoas com autismo	Estudo quantitativo, descritivo e transversal, realizado com mães de crianças com TEA. Utilizou o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), permitindo identificar níveis elevados de estresse e classificar seu estágio entre as participantes. Amostra: 77 Mães de Pessoas diagnosticadas com autismo.	Resultados: O estudo evidencia que os cuidadores enfrentam níveis elevados e persistentes de estresse. Contribuição: reforça a necessidade de estratégias de apoio psicológico e social.	Amostra local em um único momento em uma cidade do interior de Minas Gerais (Brasil); “ não especifica a cidade”. Apenas mães. Estudo transversal, ou seja, estudo não acompanha os participantes ao longo do tempo.
4. Mães do	A experiência materna	Investigar	Estudo misto	Os resultados	Amostra pequena;

Autismo: Avaliação do estresse na vivência atípica Autores: Santos <i>et al.</i> (2025)	no TEA é marcada por sobrecarga emocional persistente, medo do futuro e fragilidade das redes de apoio.	estresse na maternidade atípica.	(qualitativo e quantitativo) com aplicação de entrevistas semiestruturadas e do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), instrumento que avalia a presença e fases do estresse em mães de crianças com TEA. Os resultados permitiram classificar as participantes nas fases de alerta, resistência, quase-exaustão ou exaustão, além de identificar sintomas físicos e psicológicos Amostra: 20 mães.	revelam que os cuidadores vivenciam estresse em nível moderado, próximo à exaustão, acompanhado de sobrecarga e isolamento. Também se destaca o medo em relação ao futuro. Contribuições: O estudo evidencia a necessidade de suporte contínuo e estratégias de acolhimento.	Recorte geográfico com delimitação espacial do estudo; Cidade de médio porte do interior de São Paulo.
5. Todo mundo quer ter um filho perfeito: vivências de mães de crianças com autismo. Autores: Constantini <i>et al.</i> , Silva e Ribeiro (2018)	A maternidade no contexto do TEA envolve um processo de luto simbólico, renúncias pessoais e isolamento social	Compreender vivências maternas	Pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas com mães de crianças com TEA, com análise de conteúdo das falas. Amostra: 6 mães	Resultados: Frustração (filho ideal x real); Renúncia pessoal; Isolamento social. Contribuições: o estudo permitiu reconhecer sentimentos e experiências das mães de forma mais profunda e, assim, oferecer suporte mais sensível e humanizado.	Amostra muito pequena; Homogênea; Viés de seleção, ou seja, apenas mães.
6. Estresse, depressão e ansiedade em mães de autistas: revisão nacional. Autores: Alves, Gamero e Biazzi (2022)	Mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista apresentam altos níveis de sofrimento psíquico, sobretudo estresse. Há necessidade de políticas públicas e suporte especializado.	Identificar, na literatura brasileira, a presença e intensidade de estresse, depressão e ansiedade.	Revisão sistemática de produções nacionais (BVS, CAPES, Pepsic), sem restrição temporal. Critérios de inclusão: artigos, teses e dissertações.	Resultados: Foram analisados 9 estudos, mostrando alta prevalência de estresse em mães, com sintomas psicológicos e fases alarmantes, como ansiedade e depressão. O artigo sugere a necessidade de mais políticas públicas, para melhor qualidade de vida.	Poucas investigações, amostras pequenas, ausência de grupos controle.
7. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares Autores: Pinto <i>et al.</i> (2016)	Estudo qualitativo sobre como a revelação do diagnóstico de autismo afeta as relações familiares, especialmente o papel materno e a dinâmica doméstica.	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico de autismo e seu impacto nas relações familiares.	Estudo exploratório descritivo, abordagem qualitativa. Entrevistas semiestruturadas com 10 familiares de crianças autistas atendidas em CAPSI da Paraíba. Análise de conteúdo	Resultados: O diagnóstico gera choque, tristeza, negação e insegurança. A falta de informação e a demora na confirmação intensificam o sofrimento. Houve	Amostra pequena (10 participantes), restrita a um município da Paraíba, o que limita a generalização dos resultados. Dependência de relatos subjetivos

			temática.	mudanças nas relações familiares, com sobrecarga materna.	dos familiares.
8. Transtorno do Espectro Autista (TEA): Repercussões do diagnóstico na saúde mental dos pais Autores: Gadelha <i>et al.</i> (2025)	Revisão integrativa que analisa como o diagnóstico de TEA impacta emocionalmente os pais.	Analisar o impacto emocional nos pais após a descoberta do diagnóstico de TEA	Revisão integrativa qualitativa, usando a estratégia PICO (população, interesse, comparação e desfecho) para estruturar a pergunta de pesquisa e orientar a busca bibliográfica; 50 estudos coletados, 7 selecionados; conduzida por equipe acadêmica com critérios claros de inclusão.	Resultados: O diagnóstico de TEA provoca forte impacto emocional nos pais, especialmente nas mães, exigindo adaptações na rotina. Contribuições: reforça a importância de suporte social e políticas públicas.	Falta de investigações sobre eficácia das redes de apoio; experiências variam conforme fatores culturais e socioeconômicos, limitando a generalização.
9. Transtorno do espectro autista (TEA): desafios e recursos para indivíduos e familiares Autores: Rossini <i>et al.</i> (2024)	Revisão integrativa sobre estresse parental e recursos de apoio em famílias de crianças com TEA.	Analisar estresse emocional em pais/cuidadores; identificar estratégias para reduzir sobrecarga; avaliar impacto na rotina e qualidade de vida.	Revisão integrativa da literatura, de caráter descritivo e exploratório. Foram consultadas bases científicas relevantes (BDENF, SciELO, PubMed e LILACS), aplicados critérios de inclusão e exclusão, e realizada análise dos estudos selecionados.	Resultados: O estudo evidencia estresse parental elevado, sobretudo em mães, marcado por abandono do trabalho, isolamento e depressão. Contribuições: destaca que treinamento parental, apoio psicológico, redes de apoio social e técnicas de controle do estresse são estratégias eficazes para reduzir impactos e promover bem-estar.	Por ser revisão, não há dados primários; possível viés de seleção de artigos; heterogeneidade dos estudos analisados; ausência de detalhamento quantitativo e comparações estatísticas.
10. Transtorno do Espectro Autista: Desafios vivenciados pelas famílias Autores: Finger <i>et al.</i> (2025)	Estudo qualitativo sobre os desafios enfrentados por famílias de crianças com TEA.	Identificar os desafios enfrentados por pais/cuidadores de crianças com TEA	Estudo qualitativo, exploratório e descritivo; grupo focal (encontro com 3 famílias para discutir experiências); análise textual discursiva.	Resultados: apontam solidão na busca pelo diagnóstico, sentimentos de medo, luto e frustração, além de dificuldades financeiras para acesso às terapias e experiências de preconceito e exclusão em ambientes familiares, escolares e de saúde. Contribuições: necessidade de apoio social consistente e de políticas públicas inclusivas.	Amostra pequena (3 famílias); contexto regionalizado; resultados não generalizáveis; necessidade de mais estudos para ampliar compreensão.
11. Transtorno do Espectro Autista (TEA):	Investigou o conhecimento de mães sobre o Transtorno do	Avaliar o conhecimento dos pais sobre o	Estudo quantitativo, transversal,	Resultados: As mães apresentavam pouco conhecimento sobre o	Amostra reduzida, composta apenas por 20 mães de

Conhecimento e Sobrecarga dos Pais. Autores: Soares, <i>et al.</i> (2020)	Espectro Autista e a sobrecarga vivenciada no cuidado de crianças com TEA.	TEA e mensurar a sobrecarga dos cuidadores.	descritivo e exploratório, com 20 mães de crianças com TEA, por meio de questionário semiestruturado e da Escala de Zarit reduzida, que mede sobrecarga do cuidador por meio de perguntas sobre sentimentos de estresse e exaustão.	TEA no momento do diagnóstico, mas demonstraram interesse em ampliar esse conhecimento. Contribuições: Evidenciou a necessidade de fortalecer ações de educação em saúde, apoio aos cuidadores e políticas públicas voltadas às famílias.	uma única instituição especializada, o que limita a generalização dos resultados.
--	--	---	---	---	---